

Heróis gregos e contemporâneos: uma investigação performática

Profª Drª Tania Alice Caplain Feix
Performer, escritora e professora
UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Palavras-chave: ???

A performance *Heróis na Cidade*, realizada pelo Coletivo Heróis do Cotidiano (HC), analisada neste artigo, é o primeiro desdobramento da pesquisa *Herói e sacrifício a partir do mito de Ifigênia na Contemporaneidade*, iniciada em junho de 2009 na UNIRIO sob minha coordenação, e que reflete sobre a atualização do conceito de herói na contemporaneidade. Partindo da reflexão sobre o herói na Grécia Antiga, cujo destino era ditado pela vontade dos Deuses, a pesquisa perpassa a emergência da noção de indivíduo no Renascimento (TODOROV: 2005), as noções de livre arbítrio e de sujeito autônomo que foram se constituindo como dados fundamentais do drama moderno, em que a relação inter-subjetiva constitui o motor do avanço da ação (SZONDI: 2003). Posto que nesse contexto todo indivíduo pode assumir o papel de herói, observa-se que, no Romantismo, o individualismo foi se exacerbando até chegar na contemporaneidade, “era de Narciso”, na qual o culto do “eu” prevalece sobre o pensamento coletivo (LIPOVETSKY: 2004). Nesse contexto, ser herói significa estar em adequação com os valores propagados pelo discurso da mídia, que divulga uma determinada ideia do heroísmo associado à internalização de valores ligados ao liberalismo crescente, como a competitividade, a liderança ou, ainda, a força dentro da batalha de sobrevivência econômica. É nesse contexto que a performance se insere.

Com figurinos de super heróis, os oito performers do Coletivo investiram diversos espaços públicos e privados do Rio de Janeiro, como a Praça São Salvador (23/08/2009), o Cartório Rio Rápido da Rua Almirante Barroso (28/08/2009) e a Rua Presidente Vargas no dia do Desfile Militar do 7 de setembro, no qual os heróis se infiltraram. O objetivo das performances era a atualização do questionamento acerca da figura do herói na Contemporaneidade. Nas intervenções, esse questionamento se deu na interação dos performers e dos transeuntes, resultando no que Paul Ardenne chama de “arte contextual” (ARDENNE: 2004), em oposição a obras de arte com contornos definidos. Em cada uma das performances, a missão dos heróis é simples: ajudar quem tiver necessidade, mesmo que isso exija algum sacrifício de sua parte. Para ajudar de fato, cada herói possui habilidades

específicas, que ele desenvolve ao longo dos meses. O Herói do Entendimento (Lara Siqueira) tem por missão ajudar as pessoas a entender linguagens dificilmente compreensíveis, como ocorre em espaços administrativos. O Herói da Diversão (Eléonore Guisnet) diverte as pessoas aborrecidas, propondo jogos e entretenimento. O Herói da Paciência (Jarbas Albuquerque) faz fila no lugar das pessoas em situação de espera. O Herói da Eficiência (Márcio Vito) acelera todos os procedimentos necessários. O Herói da Perspicácia (Mariana Nunes) se informa a respeito das atitudes a serem tomadas em função das circunstâncias. O Herói da Força (Bernardo Marinho) carrega pessoas, sacolas e crianças de quem está cansado. O Herói da Escuta (Tania Alice) escuta desabafos e alegrias de cada um e abraça quem precisar de carinho. Por final, o Herói da Organização (Gilson Motta) encaminha os diferentes Heróis para o lugar onde haja necessidade.

Nas performances, tornou-se evidente que a figura do super herói exerce um grande fascínio sobre o conjunto da população. O universo da cultura em massa, o cinema, o seriado e os quadrinhos apresentam uma produção crescente de histórias onde um super herói dotado de super poderes vem resolver os problemas dos indivíduos e da sociedade. Assim, as pessoas se identificavam e – mais surpreendente ainda – confiavam nos super heróis que estavam diante deles para resolver seus problemas. Na primeira intervenção, durante três horas, os Heróis do Cotidiano escutaram, carregaram sacolas de supermercado, venderam objetos no lugar dos vendedores ambulantes que descansavam um pouco, divertiam crianças, distribuía abraços. O bordado “Heróis do Cotidiano” no figurino gerava uma identificação imediata, porque se tornava implícito o fato de que, na sociedade contemporânea, todo mundo acaba sendo um herói por estar passando por dificuldades econômicas, sobrevivendo à custa de grandes precariedades, realizando tudo com esforço e sacrifício. Ao mesmo tempo, a ironia diante a imagem do herói veiculada pela mídia se fazia evidente: várias pessoas comentavam que “os verdadeiros heróis eram os do cotidiano” e não os “jogadores de futebol, heróis do Big Brother ou os políticos”. Percebe-se então nitidamente que os valores criados pela mídia, sustentada pelo mundo empresarial, têm por objetivo colocar como heróicos os comportamentos de competitividade e de afirmação do ego, e não os de solidariedade e de empatia. Isso se verifica nos livros de auto-ajuda disponíveis nas livrarias, cujos títulos remetem a virtudes associadas ao heroísmo, como, por exemplo, *O poder da paciência* (M.J. Ryan) ou *O poder da intuição* (Gerd Gigerenzer).

Na segunda performance, realizada no Cartório Rio Rápido e documentada por diversas mídias, os Heróis realizavam ações de apoio no Dia do Voluntariado, fazendo fila no lugar dos usuários, distribuindo álcool em gel, propondo elogios, baldes para gritar, realizando massagens nos funcionários e nos usuários do cartório, separando lixo, dando abraços, entre outros. Mais uma vez, verificou-se a grande necessidade de heróis, pois apesar do figurino e da situação inusitada, que criava um distanciamento, as pessoas recorriam aos Heróis do Cotidiano como se esses fizessem parte da realidade, tanto que queriam ser fotografados junto com eles para “comprovar que tinham encontrado heróis de verdade” ou solicitavam ajuda. As pequenas ações cotidianas de solidariedade e de cooperação passavam a ser vistas como ações heróicas pela população, que formulava vários questionamentos a respeito dos heróis: Como integrar a liga? Como chamá-los? Que super poderes possuem? Onde moram? O questionamento sobre o herói e sua missão se atualizou. A receptividade da performance, sempre condicionada à familiaridade dos transeuntes com o gênero, entre outros fatores, foi positiva. Mesmo assim, no cartório, a dimensão irônica e de auto-crítica foi evidente: esta se caracteriza pela “própria sujeição da performance aos programas institucionalizados” (GLUSBERG: 2005, 84). Em outras palavras: aspectos ligados à presença heróica foram captados, bem além da intenção de passar alguma mensagem ou de se constituir como foco (autor) do ato performático e isto, mesmo dentro de um Cartório.

Na terceira performance, o Coletivo infiltrou-se na Parada Militar do 7 de setembro. Os performers desfilaram inicialmente ao lado dos militares, desconcentrando o conjunto da formação militar que olhava com curiosidade para os Heróis, até entrar no meio da Parada, antes que chegassem os policiais para afastá-los desse espaço reservados aos “heróis nacionais”. Após uma pequena e necessária dispersão, os Heróis desfilaram em sentido contrário à Parada, conduzindo a população a tirar o olhar do desfile para se interessar ao desfile paralelo dos Heróis do Cotidiano, amplamente fotografados pelos transeuntes. Nessa performance, os Heróis atuaram de forma a desterritorializar o conceito de herói, a fazê-lo ser flúido, móvel, a se definir além do sentido fechado inicial. O Coletivo questionava, naquele instante, o lugar do herói dentro de um sistema pré-estabelecido, que, com a aparição da Liga, tornou-se fluido, complexo, aos contornos indefinidos. A presença dos HCs permitiu essa circulação de idéias, essa ampliação de fronteiras de um conceito, integrando-se a um fluxo pré determinado para ampliá-lo, propondo ao mesmo tempo um olhar crítico sobre um sistema que exalta a figura do militar como herói, enquanto que a maioria da população carece de acesso à alimentação, educação, saúde, cultura.

Tendo a pesquisa se iniciado em junho de 2009, ainda é difícil, após três intervenções somente, chegar-se a alguma conclusão definitiva acerca da percepção e recepção do herói na Contemporaneidade. A desterritorialização do conceito criou uma atualização da reflexão sobre o herói contemporâneo. Ao invés de criar ligações hierárquicas (autor/receptor, artista/platéia), os performers foram integrando um fluxo já existente, criando novos polos de convergência do pensamento acerca do herói. A horizontalidade dessas novas relações conduz à percepção da presença forte da figura do herói na contemporaneidade, espaço em que se verifica a necessidade de soluções, de empatia e de compaixão diante a exacerbação dos valores ligados à expansão do liberalismo econômico, que conduz ironicamente cada um a se tornar um herói, lutando pela sua sobrevivência, enquanto que a figura do herói verdadeiro é esvaziada pelo discurso da mídia.

Bibliografia

- ARDENNE, Paul. **Un art contextuel – Création artistique en milieu urbain, en situation d'intervention, de participation**. Paris: Flammarion, 2004.
- COHEN, Renato. **Work in Process na cena contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mille Plateaux**. Paris: Minuit, 1980.
- FOCCROULLE, Bernard, LEGROS, Robert e TODOROV, Tzvetan. **La Naissance de l'individu dans l'art**. Paris : Grasset, 2005.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Trad. Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva: 1987.
- GOLDBERG, RoseLee. **Performances, l'art en action**. Londres: Thames & Hudson, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio – ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Trad. Miguel Serras Pereira e de Ana Luísa Faria. São Paulo: Manole, 2006.
- SZONDI, Peter. **Teoria do drama moderno (1880 – 1950)**. Trad. Luiz Sergio Rêpa. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.